

**INFÂNCIAS NEGRAS NO BRASIL:
Produção de conhecimento interseccional desde o Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as
Negros/as (COPENE)**

Flávia de Jesus Damião
Rosângela Costa Araújo

Resumo

O presente trabalho se constitui como parte integrante de uma pesquisa de doutorado concluída. A pesquisa foi realizada no DMMDC. Neste artigo temos por objetivo caracterizar a produção de conhecimento acerca das infâncias negras, a partir da intersecção entre relações étnico-raciais e de gênero, nos trabalhos do VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores e Pesquisadoras negras (COPENE) realizado em 2014. De caráter interdisciplinar, o trabalho apresenta uma abordagem teórica que transita nas fronteiras de diferentes campos teóricos e políticos. No campo dos estudos da infância, a discussão de Jeans Qvortrup (2004) é significativa para nós. Na área das relações étnico-raciais destacamos as proposições de Petronilha Gonçalves e Silva e Luis Alberto Gonçalves (2000). Nas relações de gênero e do feminismo negro, autoras como Jane Felipe de Souza (2005) e bell hooks (1995) são referências acolhidas. Metodologicamente, este trabalho apresenta uma abordagem qualitativa de pesquisa. Para a realização do mesmo, primeiro realizamos uma leitura dos resumos dos trabalhos contidos nos anais do VIII COPENE, a partir da eleição de alguns descritores. Em seguida, selecionamos os trabalhos que contemplassem os descritores eleitos. Depois elaboramos a montagem de um quadro que apresenta os trabalhos, as autoras/es e as instituições. Feito isso, partimos para quarto momento que foi a leitura na íntegra dos textos selecionados para procedermos à discussão. As análises iniciais apontam a carência de trabalhos que elejam a intersecção entre as categorias raça, gênero e geração quando temos em pauta as questões das crianças negras pequenas brasileiras e suas infâncias.

Palavras-chaves: Infâncias Negras; Relações Étnico-raciais; COPENE; Interseccionalidade; Produção de conhecimento.

**INFÂNCIAS NEGRAS NO BRASIL:
Produção de conhecimento interseccional desde o Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as
Negros/as (COPENE)**

Flávia de Jesus Damião¹
Rosângela Costa Araújo²

Introdução

No âmbito do pensamento e das relações sociais brasileiras - graças a eleição do modelo das relações étnico-raciais harmoniosas e da mestiçagem (Freire, 1999) - a pobreza e a inapetência se constituíssem nas lentes pelas quais a população negra foi vista e representada, inclusive as crianças negras. (Del Piory, s.d.).

Também no âmbito da produção científica da ciência social brasileira, ou seja na produção e difusão de conhecimento, a articulação do duo classe social e crianças negras há muito tomada como única possibilidade interpretativa das questões que envolve esta população. Assim, historicamente fala-se de crianças “enjeitadas”, “abandonadas de “desvalidas”, “moleques”, “ingênuos”, “menor” “carente” e crianças “pobres”, etc. Mas não se diz, por exemplo a cor da infância pobre brasileira.

A assunção exclusivamente da pobreza para compreender as crianças negras e suas infâncias brasileiras, favoreceu a elaboração de um repertório investigativo e interpretativo centrado apenas na classe social. Essa escolha teórica dos cientistas sociais brasileiros criou um discurso monolítico e totalizante que buscou tornar homogêneo, via aspecto

¹ Professora do EBTT com atuação na Creche-UFBA; Graduada em Pedagogia UFBA; Especialista em Educação Infantil –UNEB; Mestre em Educação- UFC. Doutora no Doutorado em Difusão Conhecimento (DMMDC). afroflaviadamico@gmail.com

² Professora adjunta da FACED-UFBA e do Bacharelado de Estudos de Gênero e Diversidade -BEGD/NEIM; Coordenadora do Neim- UFBA; Coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM/UFBA. É mestra de Capoeira Angola e fundadora-coordenadora do Instituto Nzinga e Estudos da Capoeira Angola e Tradições Educativas Banto no Brasil/INCAB. Janja.araujo@uol.com.br

socioeconômico, o que era, e, continua sendo, diverso e multidimensional. A pobreza faz parte da vida das crianças negras sim! Mas ela não se constitui no único índice a matizar toda a existência das mesmas.

Esse *modus operandi*, obliterou a possibilidade de se colocar a dimensão da pobreza *em intersecções* com outras variáveis estruturais para uma leitura aproximativa das micro e macro realidades vividas pelas crianças negras. Quais sejam; as dimensões étnico-racial, de gênero, geográfica, religiosa, afetiva, dentre inúmeras outras.

Diante desse contexto, torna-se evidente que no Brasil foi forjado um discurso científico e político de encobrimento das múltiplas e complexas dinâmicas da vida - vivida e sonhada – de meninas e meninos negros e suas infâncias. A pobreza, a carência, a falta constituíram-se no índice privilegiado a matizar a produção e difusão de conhecimento acerca das crianças negras brasileiras, porque havia – e ainda há - um modelo cognitivo universal, e, exclusivo de criança e de infância no pensamento social brasileiro – a criança branca burguesa e sua infância.

Assim, este trabalho apresentado ao Enlaçando 2015, é um recorte da pesquisa de doutorado em andamento. Aqui apresentamos um mapeamento inicial das produções apresentadas no VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as (COPENE) realizado em Belém do Pará em julho de 2014, a fim de identificar e analisar como se processa a gestão (produção e difusão) do conhecimento acerca das questões étnico-raciais e de gênero para com as infâncias negras.

1. Congresso Brasileiro de pesquisadores/as Negros/as (COPENE)

O Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as(COPENE) é um evento bianual que realizou sua primeira edição no ano de 2000 em Recife. Segundo Nilma Lino Gomes (2008)

O COPENE é um momento de apresentação e mapeamento da produção científica realizada pelos intelectuais negros, discussões políticas, construção de estratégias acadêmicas e de diálogo sobre a temática racial com intelectuais africanos, afro-americanos e latino-americanos. É também um tempo de vivências fortes: desde laços de solidariedades até tensões e disputas teóricas e políticas”. (p.500)

Desde a realização da primeira edição do evento, ocorrida no Recife em 2000, o objetivo principal foi conjugar à produção teórica-acadêmica, uma ação crítica e propositiva em torno de problemas que afetam a população negra brasileira. Ou seja, desde o início até a última edição do congresso, ocorrido em 2014 em na cidade de Belém do Pará, os participantes deste evento estavam, e, estão interessados em um equacionamento não apenas teórico para a problemática racial que cotidianamente afeta milhões de negras e negros brasileiros.

Considerando os contornos deste texto, nos deteremos na oitava edição do referido evento. Um destaque importante a ser feito, que é ainda há escassez de trabalhos – artigos e pesquisas - que abordem o COPENE como lócus de estudos. Em nossas buscas iniciais encontramos os seguintes trabalhos sobre este evento (Nilma Lino Gomes, 2008; Azânia Nogueira, Joana Passos e Tânia Cruz. 2013). Também recorremos a página da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN) na Internet e os Anais do VIII COPENE, como fontes de informação sobre o Congresso.

2. O VIII COPENE

O VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as foi realizado em Belém-PA na Universidade Federal do Pará(UFPA) em julho de 2014. O encontro teve como tema *Ações afirmativas: Cidadania e Relações Étnico-raciais*. Nesta edição o encontro tinha como principal objetivo “apresentar e discutir os processos de produção e difusão de conhecimentos intrinsecamente ligados às lutas históricas empreendidas pelas populações negras nas Diásporas Africanas(...)” (Baia Coelho, Soares e Silva, 2014: 34).

Após quatorze anos da realização do primeiro COPENE - no Recife em 2000 - a edição do oitavo COPENE se configurou como um evento de grande porte que acolheu outros encontros que ocorreram concomitantemente. Os encontros foram: III Seminário Internacional de Pesquisadores/as Negros/as; II Seminário de Iniciação Científica da ABPN; I Simpósio da American Educational Research Association; VI Seminário Nacional e VIII Seminário Regional sobre Formação de Professores e Relações Étnico-raciais; I Encontro de áreas da ABPN; Seminário PROEXT/2014. (Baia Coelho, Soares e Silva, 2014).

Esse processo sinaliza o desejo de expansão das interlocuções para além das fronteiras nacionais, ou seja, a troca com pesquisadoras/es das diásporas africanas, por um lado. Mas, também aponta para a compreensão da necessidade de intercâmbio com os pesquisadores iniciantes, professores da educação básica e a comunidade (PROEXT).

Os trabalhos enviados e aprovados no VIII COPENE foram alocados nos em dezoito (18) simpósios temáticos. Dezoito simpósios temáticos, contemplando trabalhos de diferentes áreas do conhecimento em torno da população negra é um número bastante significativo de ST's. No entanto, no período de inscrições de participantes com submissão de comunicações orais havia um universo de trinta(30) simpósios temáticos propostos, para os quais os participantes poderiam enviar seus trabalhos. Deste modo, no COPENE de 2014 doze(12) ST's não foram realizados.

Dentre os Simpósios Temáticos(ST) que não ocorreram no VIII COPENE, encontra-se o simpósio específico acerca das infâncias negras. O simpósio chamava-se Relações Raciais e Infâncias Negras e foi proposto pela Professora Doutora Fabiana Oliveira da Universidade Federal de Alfenas(UNIFAL).

O ST 14, Relações Raciais e Infâncias negras, tinha sido a primeira opção de simpósio para o qual eu havia submetido um trabalho para ser apresentado no evento. Até a minha chegada em Belém, estava certa, da realização do ST, e, ansiosa para a participação no mesmo. No entanto, quando do meu credenciamento e leitura da programação, dos anais e dos demais materiais distribuídos, constatei a ausência do simpósio Relações Raciais e Infâncias Negras. Ao buscar nos arquivos pessoais, a carta de aceite do meu trabalho no VIII COPENE, observei que o mesmo tinha sido acolhido no ST 09 - Relações étnico-raciais nos currículos da educação básica, e não no ST 14 - Relações Raciais e Infâncias Negras, como eu quisera acreditar.

A não efetivação do simpósio específico acerca das Relações Raciais e Infâncias negras, causou em mim uma frustração em virtude de algumas implicações que tenho com a temática de modo geral, e com o COPENE, de modo mais singular.

A primeira implicação ressalta a faceta da militante das questões das crianças e infâncias negras. A proposição do ST 14 no VIII COPENE de Belém significava, de certo modo, o início da consolidação da temática infâncias negras no COPENE. Até o ano de 2010 ou seja, até o VI COPENE, as discussões que envolvia crianças e infâncias negras

eram distribuídas entre os diversos ST's que ocorriam no evento. Em 2012, no VII COPENE, ocorrido em Florianópolis, houve pela primeira vez, a proposição e realização de um ST específico acerca das infâncias negras. Este simpósio foi uma proposição colaborativa entre mim e a professora doutora Lucimar Rosa Dias (UFPR). A segunda implicação, refere-se a dimensão de pesquisadora em formação. Após, o primeiro ano no doutorado, o COPENE, passou a se configurar como o campo da minha pesquisa de doutorado.

3 Mapeando os trabalhos apresentados no VIII COPENE

Tendo em vista o foco do presente trabalho, adotamos a seguinte arquitetura metodológica.

Primeiro, realizamos uma leitura dos resumos dos trabalhos nos anais do VIII COPENE com o intuito de identificar se havia trabalhos que contemplassem as categorias eleitas por nós, infâncias negras, relações étnico-raciais e gênero. Para tanto, elegemos os seguintes descritores quando da leitura do título e do corpo do resumo. *Infâncias negras, crianças negras, educação infantil, relações étnico-raciais, negro(a), afrodescendente, racismo, gênero, conhecimento, cultura*".

Em uma segunda etapa, selecionamos os trabalhos que contemplassem os referidos descritores de modo isolado, ou seja, os trabalhos que apresentassem apenas uma das categorias eleitas por nós. Também selecionamos os textos que trouxessem as categorias em intersecção.

Depois elaboramos a montagem de um quadro que apresenta os trabalhos, as autoras/es e as instituições. Feito isso, partimos para quarto momento que foi a leitura na íntegra dos textos selecionados para procedermos a discussão.

Trabalhos analisados	Autor/a	Instituição
Nem preto, nem branco? Reflexões sobre as relações etnicorraciais na educação Infantil	Lílian Teresa Martins Freitas	IFMA/UFF
A literatura infanto-juvenil como viés construtivo da identidade das crianças Kalunga de Mo1qnte Alegre- GO	Maria Aparecida Matos; Valdete	UFT

	Rodrigues de Oliveria	
Apresento-lhes histórias e contos africanos: "Tia por que nestas histórias só tem pessoas pretas?"	Ana Paula dos Santos	URCA
Modernidade e o encobrimento das crianças negras brasileiras e suas infâncias	Flávia de Jesus Damião; Eduardo David de Oliveira	UFBA
Professoras negras de educação infantil em São Paulo: alguns apontamentos sobre trabalho e formação	Mighian Danae Ferreira Nunes	USP

O trabalho *Nem preto, nem branco? Reflexões sobre as relações etnicorraciais na educação Infantil* de Lílian Teresa Martins Freitas discuti as relações étnico-raciais e infância a partir da educação infantil. A autora problematiza que a lei 10.639/03 – que trata da inclusão no currículo da educação básica da história e cultura africana e afro-brasileira - exclui as creches e pré-escolas das temáticas negras, ao não explicitar textualmente no corpo da lei a educação infantil.

Em *A literatura infanto-juvenil como viés construtivo da identidade das crianças Kalunga de Monte Alegre- GO*, Maria Aparecida Matos e Valdete Rodrigues de Oliveria, após desenvolverem uma pesquisa em uma turma do 2 ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Monte Alegre – GO, na qual há crianças oriundas das comunidades quilombolas dos Kalungas, chegam a conclusão que a literatura infanto-juvenil africana e afro-brasileira pode influenciar no processo de construção de identidade e autoestima positiva de crianças negras e não negras no ambiente escolar

A terceira comunicação selecionada *Apresento-lhes histórias e contos africanos: "Tia por que nestas histórias só tem pessoas pretas?"* de Ana Paula dos Santos também tem como foco a relação entre a literatura infanto-juvenil africana e a formação da identidade de crianças negras. A autora faz essa discussão tendo como pano de fundo a implementação da lei 10.639/03 no ensino fundamental. Assim, a pesquisa-ação foi realizada em uma turma do 2 ano do ensino fundamental na cidade do Crato-CE.

Modernidade e o encobrimento das crianças negras brasileiras e suas infâncias é uma parceira entre Flávia de Jesus Damião e o professor Eduardo David de Oliveira. Neste trabalho, discutimos que a modernidade e seu projeto de colonialidade de poder e saber europeus, encobriram diversos sujeitos sociais, dentre eles as crianças negras e suas

infâncias. Ao final, os autores apontam a necessidade de que a produção científica brasileira acerca das crianças e suas infâncias, acolham, também, referências políticas e epistêmicas desde os valores da cosmovisão afro-brasileira.

Em *Professoras negras de educação infantil em São Paulo: alguns apontamentos sobre trabalho e formação*, Mighian Danae Ferreira Nunes, centra sua atenção nas professoras negras de educação infantil. Investigando as trajetórias profissionais, o pertencimento racial e a formação docente, a partir de questionário e de pergunta aberta aplicado em trinta escolas de Educação infantil de São Paulo no ano de 2010, autora conclui que é possível outras perspectivas positivas destas profissionais e de seu trabalho.

3.1 Reflexões e discussão acerca dos trabalhos selecionados

Um primeiro aspecto que chama nossa atenção é a pequena quantidade de trabalhos encontrados, em torno das infâncias e crianças negras, apenas cinco (5) trabalhos. Mesmo em evento que tem como foco a população negra, e, que ocorre na segunda década do século XXI, as crianças negras e suas infâncias ainda, continuam figurando como um continente populacional que tem suas demandas e especificidades sub-representadas, também no âmbito da pesquisa científica brasileira com recorte étnico-racial.

Neste sentido, desde o fim da década de 1970, e, ao longo das décadas de 1980 e 1990, alguns pesquisadores e pesquisadoras do campo das relações étnico-raciais (Henrique Cunha JR, Luiz e Salvador, 1979; Pereira, 1987; Eliane Oliveira 1994(a); Lucimar Dias, 1997; Neuza Gusmão, 1999) vêm apontando para a necessidade de se produzir pesquisas que privilegiem crianças negras, de modo geral, mas especialmente crianças negras pequenas. Esses estudos sinalizavam que até então, a criança negra e menor de 7 anos tinha recebido pouca atenção pela reflexão científica.

A partir dos anos 2000, houve a intensificação de debates sobre a questão racial no Brasil. Os movimentos sociais negros pautaram do Estado brasileiro a implementação de instrumentos legais, e, a instituição de ações afirmativas para a população negra. Uma vez que este contingente populacional foi historicamente desprivilegiado em função do racismo estrutural operado pelo Estado brasileiro.

Neste cenário, de maior demanda sociais em torno das questões da população negra houve um aumento significativo no número de estudos e pesquisas em torno das infâncias

negras no campo das relações étnico-raciais. Dentre este universo apontamos temos: Eliane Cavalleiro, 2000; Denise Ziviani, 2003; Fabiana Oliveira, 2004(b); Lucimar Dias, 2007; Flávia Damião, 2007; Silvandira Franco, 2007; Marta Santos 2008; Paula Telles, 2010; Cristina Trindad 2011 dentre outros.

Em virtude desse adensamento, é que nos causa estranheza a quantidade reduzida de estudos acerca das infâncias negras no COPENE 2014.

Para nós, duas compreensões possíveis podem ser desenhadas no horizonte. A primeira, de ordem econômica. Infelizmente, ainda hoje, custear uma viagem a região Norte do país envolve alto custo financeiro. Tal fato pode ter inviabilizado a participação de muitas pesquisadoras/es, inclusive daquelas que tematizam as questões em torno das infâncias negras.

A segunda possibilidade explicativa diz respeito a questões de ordem geracional. Partindo do aporte da sociologia da infância, uma leitura possível nos remete a dimensão das infâncias como ordem geracional que está numa relação do domínio em relação a geração da adultez.

No campo da teoria, a sociologia da infância tem construído os seus objetos de análise a partir de três principais pontos de vista. (...) Num terceiro olhar, enfim, a infância é entendida (tal como a adultez) como uma das duas gerações sobre a qual assenta a ordem geracional, estrutura permanente que existe, com a sua clivagem binária, em todas as sociedades (Qvortrup, 2004 *apud* ALMEIDA, ALVES, DELICADO, CARVALHO, 2013: 341)

Considerando a proposição defendida por Jeans Qvortrup, (2004 *apud* ALMEIDA, Ana Nunes; ALVES, Nuno de Almeida; DELICADO, Ana; CARVALHO, Tiago, 2013) acerca da infância como “categoria dominada face a adultez”, em articulação com a reduzida presença de trabalhos apresentados no COPENE 2014, bem como, com a suspensão do ST Relações raciais e infâncias, nos perguntamos se neste evento pode estar havendo um tratamento desigual – na esfera política, social, científica - no que concerne ao aspecto geracional das infâncias negras como marcador relevante no âmbito das pesquisas sobre população negra.

Em outras palavras, nos questionamos se, e, porque a dimensão geracional das infâncias negras tem sido excluídas das pautas da produção do conhecimento mesmo entre as pesquisadoras/es negros. Para nós, esse movimento sinaliza ainda uma postura adultocêntrica das pesquisadoras/es do campo das relações étnico-raciais.

Outro aspecto que também precisamos destacar, é que nenhuma das cinco(5) comunicações identificadas apareceu a categoria gênero em intersecção com infâncias negras. Os cinco textos selecionados entrecruzam apenas as categorias infâncias negras e relações étnico-raciais.

Segundo Jane Felipe de Souza (2005) o conceito de gênero surgiu no interior do movimento feminista na década de 1960. Sua criação faz parte do um movimento que buscou colocar em cheque um conjunto de práticas sociais que legitimavam a desigualdade entre mulheres e homens como ações naturais e universais a partir do discurso das diferenças biológicas. Este conceito também evidenciou que a dominação e subordinação das mulheres estavam ligada ao patriarcado e ao machismo vigente em diversas sociedades.

Como conceito plural que é, a discussão acerca de gênero pode ser realizado a partir de diversos marcos teóricos – do marxismo até a teoria pós- estruturalista. Isso ocorre, porque enquanto categoria conceitual, as relações de gênero se configuram como uma construção social, política, histórica e cultural banhada em relações de poder.

Um desses marcos teóricos é a perspectiva pós-estruturalista. O foco dessa perspectiva, acerca de gênero, está em seu aspecto eminentemente relacional e contextual..

É importante assinalar que a categoria “gênero” tem passado por significativas transformações, possibilitando-lhe assim um caráter mais dinâmico. A princípio, vinculada a uma variável binária arbitrária, que reforçava dicotomias rígidas, passou a ser compreendida como uma categoria relacional e contextual, na tentativa de contemplar as complexidades e conflitos existentes na formação dos sujeitos. (SOUZA, 2005:s/p.)

Para além do COPENE 2014, no cenário mais amplo da pesquisa científica brasileira, não podemos afirmar que haja a inexistência de pesquisas que relacionem gênero e infância. No entanto, podemos a partir dos trabalhos das professoras Márcia Gobbi (1997), Eloisa Rocha (1999) e Jane Felipe (2005) dizer que ainda há uma escassez de estudos que contemplem a categoria gênero nos estudos sobre infâncias, crianças, e educação infantil.

A escassez de estudos envolvendo gênero e infância é também apontada por Zuleica Pretto e Mara Lago (2013). Neste trabalho, as autoras investigam as produções

sobre as infâncias nos estudos de gênero, a partir de duas Revistas Feministas. Ao final, com base em 14 artigos analisados- as autoras sinalizam que além da necessidade de haver maior numero de estudos envolvendo gênero e infância, é preciso que a categoria gênero seja articulada a outras categorias sociais.

Se a questão de gênero não aparece em intersecção com a categoria crianças e infâncias negras como temática principal nos cinco trabalhos selecionados, ela se faz presente no perfil das autoras das comunicações. No conjunto de sete autores, há seis mulheres e apenas um homem.

É fundamentalmente, pela mão das pesquisadoras negras, e, em menor número pela mão de pesquisadoras não-negras, que as temáticas das crianças e infâncias negras adentra os espaço da produção de conhecimento científico. Os trabalhos de Flávia Damião (2012) Thaís Carvalho (2013) corroboram essa compreensão.

No texto do projeto de tese que submeteu na seleção do DMMDC Flávia Damião (2012) identificou o predomínio de pesquisadoras negras, em torno da eleição das crianças e/ou infâncias negras como seus focos de pesquisa.

Thaís Carvalho (2013) na pesquisa bibliográfica para sua dissertação de mestrado identificou um conjunto de vinte e quatro (24) dissertações e teses produzidas entre 2003 e 2011 que abordavam as relações étnico-raciais e a educação infantil e/ou infâncias. Deste total, de pesquisas, 23 foram realizadas por pesquisadoras, apenas uma foi empreendida por um pesquisador.

A forte, e, recorrente autoria de mulheres negras nos trabalhos acerca das infâncias negras nos remete por hora a duas reflexões.

A primeira, mais positiva, é de que a chegada dessa temática ao âmbito da academia tem sua gênese nas preocupações empreendidas pelos movimentos sociais negros com a educação de suas crianças ao longo da nossa presença em terras brasileiras. (Petronilha Gonçalves e Silva e Luis Alberto Gonçalves, 2000; Henrique Cunha Júnior, Ana Beatriz 2003; Ivan Lima, 2004).

As mulheres negras sempre tiveram uma participação ativa nos movimentos negros. Jurema Werneck (2000) diz que “foi a partir da contribuição das mulheres que a comunidade negra veio a se organizar”. Pensamos, que no decorrer do processo de organização da população negra, as questões das infâncias negras foram tomadas como

importante pelas mulheres. Se não podemos afirmar que todas as pesquisadoras negras que trabalham com as questões das infâncias negras no âmbito da universidade, estão ou estiveram ligadas a estes movimentos, podemos dizer que parcela significativa destas autoras forjaram suas preocupações sobre a temática a partir de algum nível de relação com estes movimentos.

A segunda reflexão, que de alguma maneira pode se contrapor a primeira, refere-se aos motivos que favorecem a predominância de pesquisadoras negras na atenção dos universos das experiências infantis negras brasileiras no interior da academia. Porque são as mulheres negras quem mais tem se ocupado das questões em torno das infâncias negras, também, no campo da produção de conhecimento científico no Brasil?

Essa inquietação só nos ocorreu após aproximação com a produção teórica da intelectual negra norte-americana bell hooks.(1995) Ela nos diz que o “sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a idéia de que ela esta neste planeta principalmente para servir aos outros” (p.468). bell hooks avança, e, nos aponta que a compreensão da mulher negra como inatamente mais capazes de cuidar de outros, está presente no pensamento cultural de toda a sociedade, inclusive no do grupo social negro.

As considerações de bell hooks acerca do estereotipo da mulher negra como sendo talhada para servir os outros, desequilibra nossa compreensões sobre as relações de gênero na produção do conhecimento científico acerca das infâncias negras brasileira. Para nós, está é uma questão que merece discussão com maior profundidade. Não o faremos aqui em virtude das orientações a que deve obedecer o presente texto, afim de integrar os Anais do IV Enlaçando.

Considerações finais

As reflexões apresentadas neste texto, forjadas a partir de uma perspectiva de conhecimento situado e eticamente implicado, busca contribuir para produção do conhecimento que privilegia a intersecção entre relações étnico-raciais, geração e gênero.

O levantamento empreendido no VIII COPENE possibilitou a um só tempo, visibilizar os estudos apresentados nesta edição do evento, bem como, problematizá-los. As análises iniciais, nos trabalhos do VIII COPENE apontam a carência de trabalhos que elejam a intersecção entre as categorias raça, gênero e geração quando temos em pauta as questões das crianças negras brasileiras e suas infâncias.

O desafio posto a todas/os nós, militantes, pesquisadoras, ativistas, profissionais da educação, que elegemos as questões em torno das infâncias negras, como nossas temáticas de vida, de luta e de estudo, é a produção de conhecimentos forjado numa “pluri-versalidade epistêmica” como nos diz Ramón Grosfoguel (2008). Ou seja, que nossa produção epistêmica, atuando nas fronteiras dos saberes, afirmem as muitas faces, jeitos, sotaques, sonhos, histórias e experiências das infâncias negras brasileiras, como infinitas possibilidades de ser e viver de modo autoral, positivo e digno. Para isso, precisamos realizarmos um duplo movimento. Denunciar os etnocentrismos - étnico-racial, geracional e de gênero, etc - que estão presentes nas relações sociais brasileiras, e que transcodificam diferenças em desigualdades sociais. E, ao mesmo tempo, criar e anunciar uma ambiência social na qual as infinitas possibilidades de ser e viver as infâncias negras sejam realizadas de modo autoral, positivo e digno.

Referencias

ALMEIDA, Ana Nunes; ALVES, Nuno de Almeida; DELICADO, Ana; CARVALHO, Tiago. **Crianças e internet: a ordem geracional** revista da. *Análise Social*, 207, xlviii (2.º), 2013 issn online 2182-2999.

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_207_d04.pdf> acesso em 06 maio.2015.

BAIA, Coelho Wilma; SOARES, Nicelma Josenila; Silva, Carlos Aldemir. (org.) *Anais do VIII Congresso de Pesquisadores Negros/as: ações afirmativas: cidadania e relações étnico-raciais. COPENE.* São Paulo: Editora Livraria Física, 2014.

CARVALHO, Thaís Regina. **Políticas de Promoção Da Igualdade Racial na Rede Municipal de Educação Infantil De Florianópolis/Sc.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2013.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2000.

CUNHA, JR; LUIZ, M.C; SALVADOR, M. Nazaré. **A criança (negra) e a educação.** Cadernos de pesquisa, São Paulo: fundação Carlos Chagas, nº31, 1979.

CUNHA JÚNIOR, Henrique; GOMES, Ana Beatriz. Movimentos sociais de maioria afrodescendente. IN MATOS, Kelma (org.) **Movimentos sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

DAMIÃO, Flávia de Jesus. **Crianças negras na rua: intersecções na produção de conhecimento acerca das infâncias negras soteropolitanas**. Projeto de seleção submetido Doutorado Multidisciplinar e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC). Salvador, 2012.

DAMIÃO, Flávia de Jesus; OLIVEIRA, Eduardo David. **Diversidade étnico-racial: como garantir esse direito na educação infantil?**. VII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade(EDUCON). São Cristóvão- SE. ANAIS (1982-3657) 2013.

DIAS, Lucimar Rosa. **Diversidade étnico-racial e educação infantil: Três Escolas, uma Pergunta, muitas Respostas**. (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal do Mato do Sul. Mato Grosso do Sul, 1997.

FARIA, Ana Lúcia G. **Pequena infância, educação e gênero:subsídios para um estado da arte**. Cadernos Pagu, n.26. p 279-287. Jan/jun, 2006.

FRANCO, Silvandira Arcanja. **Xire – Proposta para Inclusão da Criança Negra na Educação Infantil: o saber nas festas do Terreiro do Cobre**. Dissertação (Mestrado em Educação e contemporaneidade) – Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2007

GOBBI, Márcia. **Lápis vermelho é coisa de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil**. Campinas.(Mestrado em Educação),UNICAMP,1997.

GONÇALVES, Luiz A. O. & SILVA, Petronilha. B.G.**Movimento negro e educação**. Revista Brasileira de Educação. Campinas: Editora Autores Associados, n. 15, p. 134-159, set/out/nov/dez, 2000.

GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008: 115-147.

GUSMÃO, Neusa M. **Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº107, p.41-78, Julho. 1999.

hooks b. Intelectuais negras. *Estudos Feministas*, Vol. 3, No.2, 1995, p. 465-477.

Histórico dos COPENES.

<<http://www.abpn.org.br/novo/index.php/eventos/copenes>> Acesso em: 23 abr. 2015 as 15:10h.

LIMA, Ivan Costa. **Uma Proposta Pedagógica do Movimento Negro no Brasil: Pedagogia Interétnica de Salvador, uma ação de combate ao racismo**. Florianópolis: UFSC, 2004 (Dissertação de mestrado).

MARCHI, Rita. Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas. Cadernos Pagu. Campinas, n. 37, dez 2011.

NOGUEIRA, Azânia R.; PASSOS, Joana C.; CRUZ, Tânia M. **A participação das pesquisadoras negras na participação do conhecimento científico. Identidade!** | São Leopoldo. v.18 n. 3, ed. esp. p. 291-302 | dez. 2013.

OLIVEIRA, Eliana. **Relações raciais nas creches do município de São Paulo.** São Paulo:PUC,1994.Dissertação de Mestrado. (a)

OLIVEIRA, Fabiana. Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial. Dissertação (Mestrado em educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos - SP 2004. (b)

OLIVEIRA Eduardo David **Cosmovisão Africana no Brasil:** elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: IBECA. 2003

_____ **Filosofia da Ancestralidade:** Corpo e Mito na Filosofia da Educação. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Ceara/Faced: Fortaleza, 2005.

PEREIRA, João Batista Borges. **A Criança negra:** identidade étnica e socialização. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 63 p. nov. 1987.

PRETTO, Zuleica; LAGO, Mara C. Reflexões sobre infância e Gênero a partir de publicações em revistas femininas brasileiras. Revista Ártemis, Vol XV n 01; jan-jul 2013.pp 56-71

QVORTRUP Jens. **Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social** Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011. (Tradução Maria Letícia Nascimento)

SANTOS, Marta Alencar dos. **Educação da Primeira Infância Negra em Salvador:** um olhar sobre as políticas educacionais. Dissertação (Mestrado em Educação) – Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.

SOUZA, Jane Felipe. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais:** implicações para a educação infantil. 2005. Acesso em 4/04/2015, de <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/SOUZA.pdf>.

TRINDAD, Cristina **Teodoro. Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil.** Tese (Doutorado em Educação) – São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2011.

Werneck, Jurema. **O livro da saúde das mulheres negras:** nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro:Pallas: Criola, 2000.

ZIVIANI, Denise Conceição das Graças. **À Flor da Pele:** a alfabetização de crianças negras entre o estigma e a transformação. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.